

# Banqueiros satisfeitos

por Getúlio Bittencourt  
de Nagoya

O presidente do comitê assessor de bancos, William Rhodes, que é o vice-presidente internacional sênior do Citicorp, disse que o acordo brasileiro com os credores privados "é um passo importante para o Brasil na direção de restaurar suas boas relações com a comunidade bancária internacional".

"É boa notícia", concordou Stephen Dizard, diretor-gerente de operações com riscos soberanos na Salomon Brothers Inc. "É um primeiro passo que abre novos espaços para dois outros passos, ainda mais importantes, que o Brasil deve dar: seu programa de privatizações, que realmente precisa começar, e um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI)", acrescentou.

Para um vice-presidente do NMB Bank em Nova York, José Luiz Castro Lima, "a notícia é boa tanto para o Brasil como para os

bancos. Os novos bônus oferecem taxas que atualmente são ligeiramente melhores que as do "new money bond", lançado pelo acordo do Brasil em 1988, e que vale hoje 74,75 centavos por dólar. "Os novos bônus devem ter um valor semelhante", estimou.

Um vice-presidente do grupo de transações com ativos do Manufacturers Hanover concorda que os novos bônus chegarão ao mercado no mesmo patamar de preços do "new money bond". "O valor dos MYDFA no mercado secundário não subiu muito hoje", observou ele.

O Multi Year Deposit Facility Agreement (MYDFA), principal título do acordo de 1988, estava cotado pelo "Manny Hanny" ontem a 28,75 centavos por dólar na compra e 29 centavos na venda. Foi mais ou menos esse o nível em que o papel fechara em Londres, para cair abaixo dos 29 centavos em Nova York pela manhã e recuperar-se de tarde, com os rumores e enfim o anúncio do novo acordo do País.

"Na realidade, o preço dos MYDFA ficou estável ontem porque o mercado já se havia antecipado no ajuste, dado que considerava o acordo iminente há vários dias", ponderou Dizard, da Salomon Brothers, que é associada à Patrimônio Planejamento Financeiro no Brasil. "Suponho que o título vá permanecer nesse nível", diz Castro Lima do NMB Bank.

O futuro imediato do papel, porém, não é claro. "Acho que pode subir até um pouco acima de 30 centavos por dólar", diz o vice-

presidente do Manny Hanny. "Uma coisa é certa", raciocina um vice-presidente do Chase Manhattan Bank, Joseph Boyle, "o anúncio do acordo fixou um piso para o preço dos MYDFA. O teto ainda está em aberto."

O anúncio do acordo, entende Joe Boyle, terá outros desdobramentos: "É provável que os bancos que detenham títulos dos empréstimos originais fiquem menos dispostos a vendê-los. Mas talvez se interessem em vender os novos bônus".

É particularmente significativo "que William Rhodes, do Citicorp, diga em sua nota oficial que o acordo é um passo importante para restaurar as boas relações do Brasil com a comunidade bancária internacional", exultou em Nagoya o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias, na manhã de hoje, terça-feira.

Iglesias aproveitou a última sessão plenária do banco para anunciar os termos

do acordo e disse que estava particularmente satisfeito porque o BID propiciou o ambiente para uma troca de posições e idéias franca e aberta, "que ajudou esse desenlace positivo". E emendou: "E agora que está resolvido, nos apressamos a levar à diretoria, na primeira oportunidade, o empréstimo de saneamento básico para o Brasil".

O diretor executivo do Brasil no BID, Pedro Malan, afirmou que todo esse episódio mostra que pessoas e instituições fazem uma diferença, como prova o esforço desenvolvido em favor do Brasil pelo presidente Iglesias.

O uruguaio Iglesias, chamado de amigo do Brasil também pela ministra Zélia Cardoso de Mello, disse que o empréstimo de US\$ 350 milhões que os EUA e seus aliados no Grupo dos Sete vinham conseguindo adiar deverá provavelmente ser examinado no próximo dia 24.

(Ver páginas 27 a 29)